

A MACA



RIO DE JANEIRO
23 DE MAIO DE 1925



Director:
Conselheiro
XX

Anno
IV
Nº 172

C
ITAG

Como me custa, assim viúva
Por tanto tempo haver vivido...

Por mais que cubra, um guarda-chuva
Protege menos que um marido!...

EXPEDIENTE

"A MAÇA"

Semanario illustrado. — Director: Conselheiro X. X.

Proprietarios: H. de Campos & Cia.

Redacção: Rua do Rosario, 108 — 2.º andar

Administração: Rua da Quilanda, 59

Officinas: Avenida Mem de Sá, 236-240 — Rio de Janeiro — Brasil

Aos nossos agentes de venda avulsa, do interior, que se encontram em atraso de pagamento, solicitamos a remessa das importancias correspondentes aos seus debitos, em vale postal, com a maxima brevidade.

Dentre esses pedimos resposta, ás nossas reiteradas cartas, aos seguintes:

Alfredo Fernandes	— Antonio Carlos	— Minas
Candido Mosqueira	— Pomba	—
Domingos Orfanó	— Alfenas	—
Francisco Gonthier	— Dôres do Indayá	—
Joaquim Louro	— Mar de Hespanha	—
José Fausto Dias	— Ponte Nova	—
Raymundo Dias	—	—
Moderato Vieira	— Jequitinhonha	—
Antonio Gentile	— Soledade	—
	— Caxambu	—
Nestor Lopes Coelho	— S. Sebastião do Paraizo	—
Sizenando Itabaiana	— Januaria	—
Armando Santos	— Viçosa	—
Luiz Fontana	— Ouro Preto	—
Agenor Pereira da Cunha	— Itajubá	—
A. B. C.	— S. João d'El Rei	—
Brilo & Santos	— Patrocínio	—
Nicanor Figueiredo	— Pirapora	—
Mario Salgueiro Vianna	— S. L. Carangola	—
Alfredo Barbosa da Silva	— Sete Lagoas	—
Olthon Dias	— Machado	—
Abraham Bichana	— Leopoldina	—
Carlos Alves	— Januaria	—
Joaquim Pedro Barbosa Junior	— Patrocínio	—
C. Oliveira Azevedo	— Oiveira	—
S. Rezende	—	—
M. Franco	— Itauna	—
A. Salles	— Caratinga	—

Assignatura e venda avulsa

Estados:	Capital:
Anno..... 25\$000	Numero avulso..... \$500
Anno (sob registro)..... 50\$000	Atrasado..... \$600
Numero avulso..... \$600	Idem, sob registro mais.. \$600

Para o Exterior

Porte simples:	Registrado:
Anno..... 50\$000	Anno..... 60\$000
Semestre..... 30\$000	Semestre..... 35\$000

Publicação retribuida — (Anuncios) — Preço por vez

Em papel couchê	Em papel assefinado
1 pagina..... 250\$000	1 pagina..... 200\$000
1/2 "..... 130\$000	1/2 "..... 110\$000
1/4 "..... 70\$000	1/4 "..... 60\$000
Capa anterior - (cores).. 450\$000	Publicações especiaes no texto, 5\$000
Contra capa, 1a. e 2.a a 350\$000	a linha, por vez, escala corpo 7

Toda correspondencia deve ser dirigida a João de Abreu

A MAÇA

Numeros atrasados, desde o primeiro, publicado em 11 de Fevereiro de 1922, encontram-se na

LIVRARIA BRAZ LAURIA

R. Gonçalves Dias, 78

SENHORAS

de boa sociedade poderão lucrar 1:000\$000 por mez occupando as horas vagas com negocio de absoluta honorabilidade. Não se trata de vender objectos nem de Companhia de Seguros. Informações serão dadas a quem as pedir a Carlos Maximiliano. — Caixa do Correio, 950. — SAO PAULO.

TELEPHONE DO ESPECIALISTA

— O meu amigo bem sabe o que tem gasto e quanto tem soffrido com essa prostatite.

Deixe-se de mais experiencias com remedios novos... no nome.

— O BLENOL, é o unico especifico consagrado ha muitos annos.

Torne a usal-o como manda o autor, e verá que a prostatite logo desaparece, sem fazer a operação.

Lic. pelo D. N. S. P. em 20-5-1900, sob o n.º 44

NO BANHO

USAI

ARISTOLINO

e para as MOLESTIA DA PELLE

Manchas
Sardas
Espinhas
Rugosidades
Cravos

Vermelhidões
Comichões
Irritações
Prieiras
Feridas

Caspa
Perda de cabelo
Doras
Eczemas
Dartros

Golpes
Contusões
Queimaduras
Erysipelas
Inflamações

SABÃO

LIQUIDO MEDICINAL



Biotônico

FONTOURA

O MAIS COMPLETO FORTIFICANTE



O Biotônico Fontoura restabelece as forças, melhora as funções digestivas, combate a depressão nervosa e a fraqueza muscular, melhora a composição do sangue aumentando os globulos sanguineos, estimula a actividade cellular e contribue para restabelecer a saude nos organismos depauperados. App. pelo D. N. de Saude Publica, em 27-4-1918, sob o N. 175

... A duquesa de Aiguillon, sobrinha do cardeal de Richelieu, foi, um dia, queixar-se á Rainha que mlle. de Saint-Chaumont a havia insultado, dizendo que ella, a duquesa, tinha tido cinco ou seis filhos do seu tio.

— Ora, madame, — aparteu monsenhor de Charot, que se achava presente. — Não ligue importancia a essas cousas.

E perverso:

— O que se diz na Côte só se deve crer pela metade!

... — Doutor, diga-me a verdade, sem reticencias, sem preambulos: eu morrerei disto?

— Absolutamente não, meu caro senhor. Se as estatisticas não mentem, o senhor está salvo. Ellas dizem que, nos casos como o seu, se salva um por cento.

— E então?

— Então, é que o senhor é o centesimo de que eu trato, e, dos noventa e nove anteriores, não se salvou nenhum!

LOTERIA FEDERAL

UNICA official.
UNICA fiscalizada pelo Governo Federal.
UNICA por cujos premios responde o Thesouro.
UNICA extrahida á vista do publico nesta Capital.
CAPITAL: 3.000 contos com o deposito de 500 contos no Thesouro.
PREDIO proprio, á Rua 1.ª de Março, 110, com frente para a Rua Visconde de Itaboraí, 67. Extracções diarias ás 2 1/2, e ás 3 horas aos sabbados.
Pedidos de bilhetes com mais 900 réis para o porte.



BLÉNORRAGIA, CYSTITE, CATHARRO DA BEXIGA

Tratamento rápido e completo com a

*Injecção Anti-Blenorrhagica, Capsu-
las citrinas e*

Licor de Alcatrão Composto de

MEDEIROS GOMES

Deposito: ALFANDEGA, 213 e AV. PASSOS, 86

Pharmacia N. S. Auxiliadora

Lic. pelo D. N. S. P. sob os ns. 573, 694 e 49

Uma rapariga mundana, de vida altamente suspeita, observava, um dia, a um ebrio:

— O senhor acredita, cavalheiro, que desde que eu estou viúva, nunca me rendi aos galanteios de nenhum homem?...

E o pau d'água, mal se sustendo nas pernas:

— A senhora acredita, madame, que eu, desde que me conheço, nunca bebi?



ODONTOL

PASTA PO' - ELIXIR

DENTIFRICIOS

**MANTEM A
HYGIENE
DA BOCCA**

**CLARÊAM E
CONSERVAM
OS DENTES**

**PERFUMAM
O HALITO**

**Em todas as
Pharmacias,
Drogarias,
Perfumarias,
ou no
deposito**

FCO. GIFFONI

1º de Março 17



Numeros afrazados da A MAÇA

encontram-se á venda na Livraria BRAZ LAURIA
Gonçalves Dias, 78

Cabellos á Ingloze e la Garçonne

Botelho, especialista a domicilio. T. S. 1504

OS QUATRO CAVALLEIROS DO APOCALYPSE

VERSÃO BRASILEIRA DE PAULO VARZEA

A' VENDA EM TODAS AS LIVRARIAS

PREÇO 6\$000

GERMICIDA E TONICO AO MESMO TEMPO

A Preparação do Dr. Crossman é um medicamento liquido interno para a Gonorrheia, Gotta Militar e todas as enfermidades infecciosas das Vias Genito-Urinarias, e igualmente eficaz em ambos os sexos.

A Preparação do Dr. Crossman não só mata os germens, como tambem augmenta o poder dos tecidos debilitados para repellar os germens invasores e reparar os estragos causados pela enfermidade, evitando ao mesmo tempo possiveis complicações. Nenhumas injeções ou irrigações são necessarias.

A Preparação do Dr. Crossman cumpre o que outros methodos de tratamento só promettem. Um frasco de ensaio provará o seu merito; dois fraseos bastam para os casos usuaes.

A venda em todas as principaes Pharmacias e Drogarias.

Patente 142. de 3 de Julho de 1917

Numeros afrazados da A MAÇA

encontram-se a venda na Livraria BRAZ LAURIA

R. Gonçalves Dias, 78

Gonorrheia e suas multiplas complicações (cystites, orchites, prostatites, etc.), **Leucorrhœa** (flores brancas), **Meirlies**: cura radical em poucos dias por meio de injeções intramusculares de efeito garantido.

Dr. Luiz Sampaio

Das 10 ás 2 horas, na r. Marechal Floriano, 55 (antiga r. Larga)

Telephone Norte 5184

Das 4 ás 6 horas, na r. Rodrigo Silva, 26 :: Tel. 6181 Central

*** Havia em Minas um bacharel, parente do ex-deputado João Penido, que passava os dias de papo para o ar, em uma rêde, sem o menor interesse pela sua carta de advogado. A familia, afflicta com aquella preguiça permanente, lembrava-lhe a necessidade de permanecer no escriptorio, que nunca se abria. A resposta era, porém, sempre, um ronco mais profundo, indicando que o bacharel já se achava, naquelle momento, a usar da palavra na sonora tribuna do Somno.

Certa vez, estando o nosso Endymião estirado na rêde, entrou pela casa, para visitá-lo, o Sr. Dr. Antonio Carlos, que sobraçava na occasião um maço de papeis. Eram os documentos de uma questão antiga e importantissima, relativa a uma herança volumosa e que era, pelas suas circumstancias, um caso em que já haviam naufragado os melhores advogados mineiros.

— Vou devolver estes papeis ao interessado, — explicou o neto dos Andradas; — não ha meio de ganhar nesta questão.

— Deixa-me vel-os, — pediu o outro, da rêde.

Deitado, mesmo, de papo para o ar, o nosso dorminhoco principiou a folhear o processo. De repente, fechou-o, exclamando:

— Eu fico com a causa!

— Devêras?

— Devêras.

No dia seguinte, o parente do Dr. Penido levantava-se da rêde, escrevia uma petição e, dois dias depois, ganhava a causa, recebendo, por isso, trezentos contos de réis!

Passado o caso, elle explicava:

— Quando eu li o processo, estava deitado, de papo para cima. Nessa posição, os papeis ficaram, naturalmente, contra a luz, e eu vi, então, que uma das datas estava raspada, e substituida por outra. E como isso era a base de tudo, ganhei o pleito!

E adeantava:

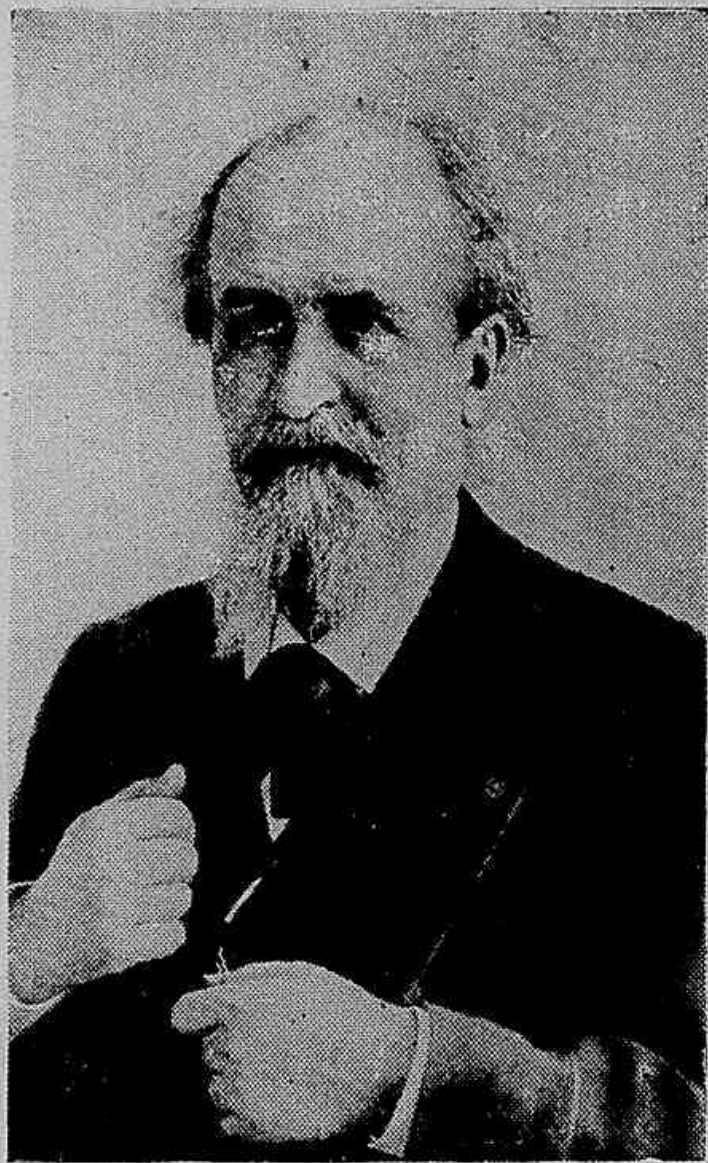
— Digam-me, agora: se eu lesse os autos, como os outros advogados, sentado á minha mesa, com uma lampada sobre a cabeça, a fatigar-me os olhos e o espirito, quando é que eu descobria o vicio daquelles papeis?

OLHOS

Inflamações e purgações

USE O

COLLYRIO MOURA BRAZIL



OBRAS DO CONSELHEIRO X. X.

(HUMBERTO DE CAMPOS)

DA ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS

.....
O escriptor mais lido e popular do Brasil

.....
===== O autor mais alegre! =====

.....
===== O humorista mais subtil! =====

ACHA-SE A VENDA

GRÃOS DE MOSTARDA

Pequenos contos galantes do CONSELHEIRO X. X.

Volumes já publicados:

VALLE DE JOSAPHAT	18. ^o milheiro, br. 5\$, enc. 6\$500
O TONEL DE DIOGENES	16. ^o milheiro, br. 5\$, enc. 6\$500
A SERPENTE DE BRONZE	12. ^o milheiro, br. 5\$, enc. 6\$500
GANSOS DO CAPITOLIO	15. ^o milheiro, br. 5\$, enc. 6\$500
A BACIA DE PILATOS	12. ^o milheiro, br. 6\$, enc. 7\$500
A FUNDA DE DAVID	6. ^o milheiro, br. 6\$, enc. 7\$500

Cada volume contém 120 chronicas maliclosas e do mais
fino espirito, destinadas a fazer rir o homem mais triste
— — — e a sorrir a mulher mais melancolica. — — —

~~~~~ PEDIDOS A ~~~~~  
**LIVRARIA EDITORA LEITE RIBEIRO**  
**RUA BETHENCOURT DA SILVA, 15, 17 e 19**  
~~~~~ RIO DE JANEIRO ~~~~~

Filmando. Chronica

Vamos ver «O Corcunda de Notre Dame» no Capitolio, dentro em breve, está annuciado. E está também annuciado que vamos pagar 4 mil reis para vê-lo. Mas, se nos alegra a primeira noticia, claro está que não podemos dizer o mesmo da segunda.

De facto, nunca se pagou no Rio mais de 3 mil reis por uma entrada em qualquer dos cinemas da Avenida. Vía-se a fita e fazia-se a fita, geralmente por 2\$000. Lá uma vez ou outra, para variar, os cinemas annunciavam um film colossal, uma super-produção, e lamentavam ter de elevar os preços. Depois, a pouco e pouco, insidiosamente, as super-produções multiplicaram-se, rara era a semana em que não havia um film especial, a preços especiaes.

Ainda hoje é assim: o preço especial ainda não se fixou definitivamente, mas não tardará muito. 3\$000, dentro em pouco, será o preço normal das salinhas do centro. E o Sr. Serrador, que possui um cinema muito melhor, apesar de quente como uma caldeira de asphalto, não irá conservar o preço actual das entradas. E' natural, é humano e é logico.

Depois de pagarmos 4 mil reis pelo «Corcunda», iremos pagar o mesmo preço por todos os films que no Capitolio se exhibirem. Será esse o preço normal das sessões ordinarias.

Quando, porém, quizermos ver «Os Dez Mandamentos», ou outro film de igual preço, pagaremos 5, 6 ou 10 mil reis. Dizem que é barato, porquanto nos Estados Unidos, em qualquer dos grandes cinemas,

a entrada não custa menos de quinze mil reis.

O que se não diz, porém, é que os programmes são variados e longos, com numeros de musica e theatro de variedades, o film principal e mais dois leves, uma comedia e um jornal.

E', como se vê, uma sessão completa: que vale o preço aparentemente exorbitante da entrada.

Accresce que um cinema, em New York, offerece um conforto que nós, cariocas, desconhecemos. Bóas poltronas, boa ventilação, vestiarios etc., que não temos nos nossos melhores cinemas. E' justo, portanto, que o espectador pague tudo isso.

Aqui não temos nada disso a pagar, e temos o direito de esperar que o custo das entradas permaneça na casa dos 5. Assim seja.

M.



Norma Shearer é uma das principaes figuras do film da Metro-Goldwyn «The Lady of the Night».

Bebe Daniels e Rod La Rocque são os artistas que interpretam os principaes papeis do film «Wild, Wild Girl», da Paramount.

Edmond Lowe, Claire Adams, Marion Harlan e Diana Miller são as quatro figuras proeminentes do film «Kiss Barriers», da Fox.



«The Salvation Hunters» custou a Joseph Von Sternberg a insignificante somma de 5.000 dollars. Sternberg está trabalhando com Mary Pickford, com a qual firmou, recentemente, um contracto.



Logo que terminar a filmagem de «Don Q.», Douglas Fairbanks começará a trabalhar em uma nova produção.

Herbert Brennon será o director do film «The Street of Forgotten Men», da Paramount; nesse film trabalham Percy Marmont, Neil Hamilton e Mary Brian, além de outros.

Mary Pickford, logo que acabar de filmar «Little Annie Rooney», pretende fazer um passeio pela Europa, com Douglas, naturalmente.

«The Twin Lister é o titulo provisório, que talvez se torne definitivo, do próximo film de Constance Talmadge.

Buster Collier acaba de receber um convite para encarregar-se do papel principal do film da Paramount intitulado «The Wanderer».

Jetta Goudal, aquella atrizita da Paramount, zangou-se com a empresa e propoz contra ella uma acção em que, allegando quebra do contracto, exige perto de 35 mil dollars de indemnização.

Herbert Rewlinson e Dorothy De Voce figuram nos principaes papeis do film «The Prairie Wife», da Metro-Goldwyn.



Virginia Valli, que fôra convidada para interpretar o principal papel feminino do film «Peacock Feathers», da Universal, não podendo tra-

balhar por enquanto foi substituida por Jacqueline Logan.

O elenco completo do film «Wine of Youths», compõe-se de Eleanor Boardman, James Morrison, Zasu Pitts, William Haines, Johnnie Walker, Creighton Hale, Niles Welsh, Ben Lyon, William Colber Jr. e Pauline Garon.

Jack Mulhall, May MacAvoy, Barbara Bedford, Myrtle Stedman, Alec. B. Francis, Ward Crane, George Fawcett, Marie Astaire e Joseph Lingleton compoem o elenco do film «The Mad Whirl», da Universal.

Charles Ray, nos seus proximos films para a Chadwick, vae ser dirigido por Jerome Storm.

Madge Bellamy, Ethel Clayton, Alan Hale, Katherine Perry e Marion Harlan figuram em «Tainted Souls», da Fox.

Huntly Gordon e Constance Bennett são os artistas que têm os principaes papeis do film «My Wife and I», da Warner Brothers.

Realizou-se ha poucas, semanas, o casamento de George O'Hara com Alberta Vaughn.

Dr. Papafita

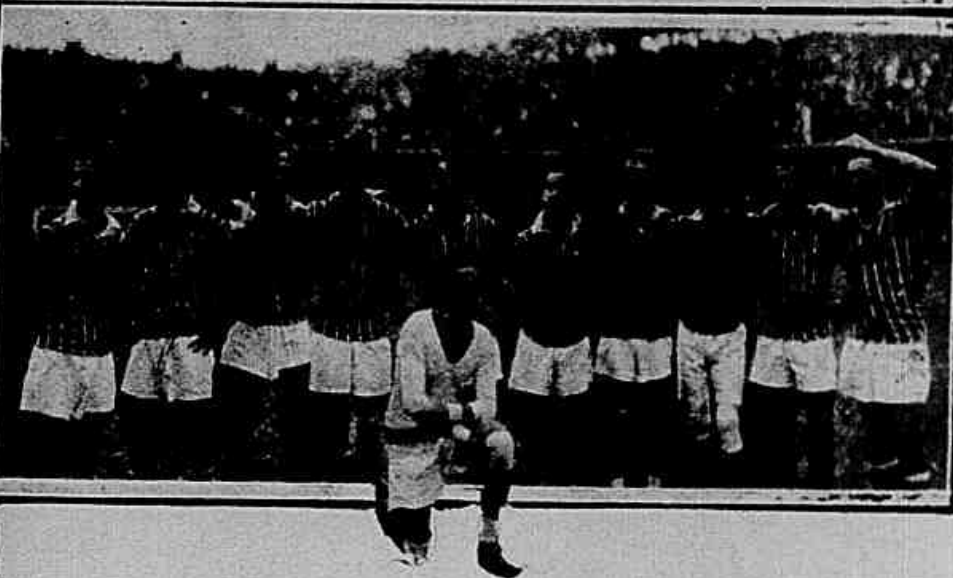
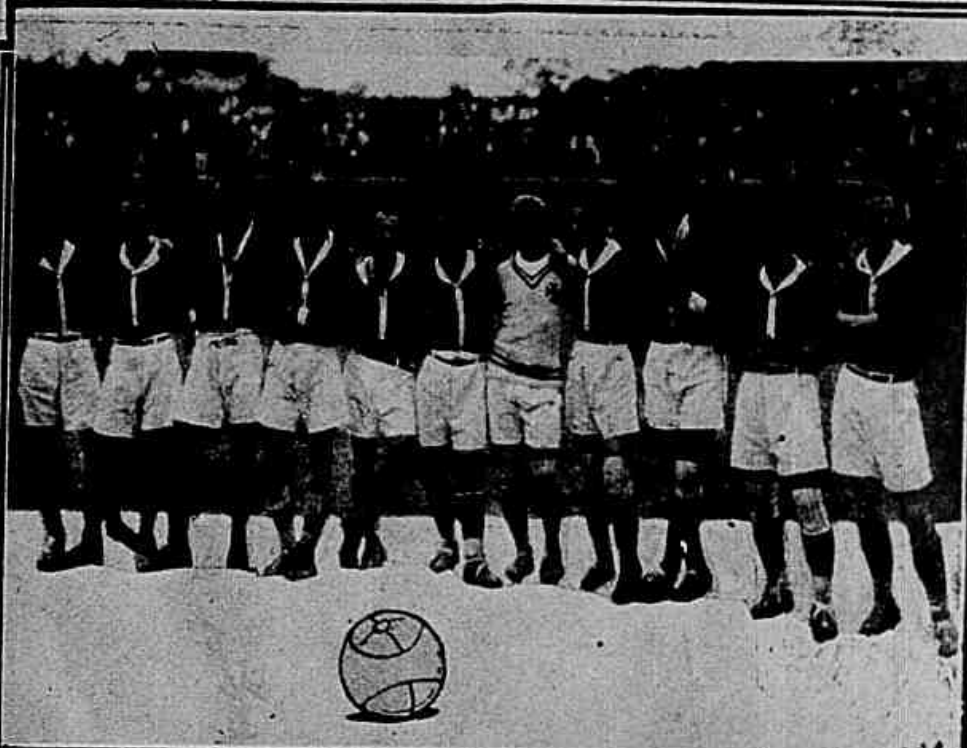
Clinica Medico Cirurgica de Doenças dos
Colons, Rectum e Anus
Tratamento especial indolor das
HEMORRHOIDAS
SEM OPERAÇÃO
DR. RAUL PITANGA DOS SANTOS
Da Faculdade de Medicina
Rua do Passeio, 56-Sob.
Cons. de 1 ás 4 horas



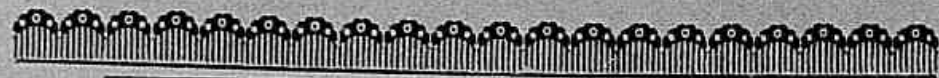
VINHO
CREOZOTADO
DE PREPARAÇÃO QUÍMICA
JOÃO DA SILVA SILVEIRA
AUTOR DO GRANDE
«ELIXIR DE NOGUEIRA»
EMPREGADO COM ÊXITO NAS
TOSSES, CATARRHO
PULMONAR, CONSTI-
PAÇÕES E FRAQUEZA GERAL
MILHARES DE CURADOS:
RECONSTITUINTE DE 1.º ORDEM



A SEMANA SPORTIVA



Ao alto, á esquerda, Friedenreich carregado ao saltar do "Flandria", no Caes do Porto; á direita, a delegação do Paulistano, retomando o transatlantico de viagem para Santos. Ao centro: á esquerda, diversos aspectos do jogo Flamengo x São Christovão; á direita, os "teams" do Vasco e do Fluminense, que se encontraram, vencendo o primeiro por 2 a 1.



Ao 1.^o Barateiro

AV. RIO BRANCO, 100

Exposições modernas

Modelos da mais
: rara distincção :

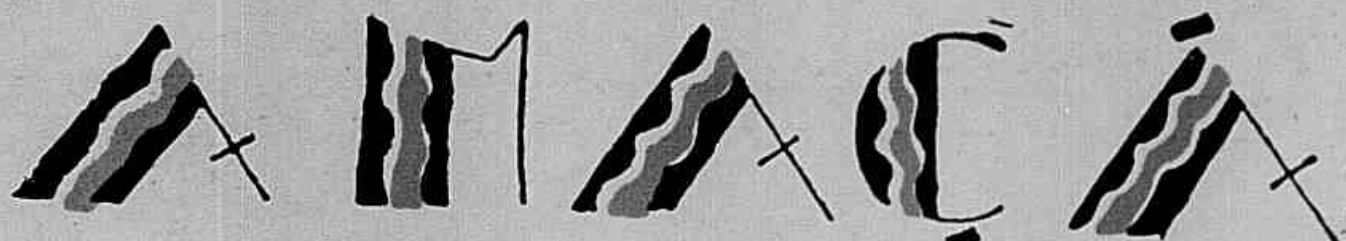
Vestidos ::

Manteaux

Chapéus ::

AV. RIO BRANCO, 100





10 H H R E C H O R

CONSELHEIRO XX

N. 172 ANNO. IV



Rio de Janeiro, 23 de Maio de 1925

A MULTA

A delegacia policial da Setima Avenida não é das mais importantes, em Nova-York. O movimento, principalmente durante o dia, concentra-se na Quinta, de modo que as autoridades não se vêem, em geral, a braços com muitos affazeres. Ia passar, porém, por alli, naquella manhã, um contingente de marinheiros destinados ás grandes manobras do Atlantico, e d'ahi aquella animação, aquella frequência, aquella agitação fervilhante, não só alli como nas ruas circumvisinhas.

Foi por isso que, mal se havia sentado á sua mesa de primeira autoridade da repartição, o delegado James Pettersen foi incommodado por um policial, que, perfilando-se á porta e fazendo continencia, pediu:

— Dá licença:

— Que ha, Jerry?

— Senhor delegado, ahi está um sujeito que foi apanhado a bater carteiras no meio do povo.

— Um batedor de carteiras?... No meu districto?...

— Saiba o senhor delegado que sim.

— Manda-o entrar, Jerry.

Dois segundos depois penetrava na sala, como um bolido, empurrado por quatro pulsos de ferro, um individuo moço ainda, olhos azues, rosto escanhoadado, roupa em desalinho, cabello empastado em cima dos olhos.

— Então, o senhor não encontrou outro logar para exercer a sua especialidade senão no meu districto? — fez a autoridade, fechando a cara.

O delegado Pettersen era um homenzarrão espadaúdo, ervedadura de atleta, recordando pela sua corpulencia e pelas suas maneiras esses typos de «sheriffe» de Far-West, exhibidos frequentemente no cinema. E era o prestigio dessa figura que trovejava para o desgraçado:

— Vamos! Falle!

De pé, o gesto humilde, a cabeça derreada sobre o peito, o ladrão não dava palavra. E o delegado continuou:

— A sua felicidade é ser, hoje, dia de festa aqui no Districto. Por isso, em vez de ser mettido na prisão, vae soffrer apenas a multa. Está multado em quinhentos dollars.

E para o agente:

— Jerry, recolhe a multa!

Em duas passadas estava o policial em frente ao preso, cujos bolsos começou, logo, a revistar. E de cada algibeira, tirava uma quantia, em cédulas ou moedas, que ia contando:

— Dez dollars... Mais vinte dollars... Mais cinco centavos... Mais cincoenta dollars... Não tem mais...

E ao fim, depois de contar em conjuncto:

— Ao todo, trezentos e oitenta e um dollars e dez centavos.

Ante esse resultado, James Pettersen quedou um momento pensativo.

— Não chega para a multa, não? — exclamou, ao fim de um instante.

De subito, virou-se para o agente:

— Jerry!

— A's ordens!

— Solta esse gatuno, outra vez, no meio da multidão.

E resolutio:

— Solta-o, e pega-o, de novo, d'aqui a meia hora.

E baixou a cabeça, examinando uns papeis.

O Humorismo nos Estados

O NUMERO 72, POR

MARIO SETTE

A senhora Eva do Alecrim, em caminho da residencia da genitora, que faz annos, desce do seu automovel côr de salmão, á porta duma casa de modas da rua Nova, avizinha-se dos bellos balcões claros, avelludados, pedindo perfumarias para escolher.

D. EVA. — ... «Coty», não. Prefiro «Houbigant».

CAIXEIRO. — Tem v. exc., aqui, as ultimas creações: «Magestic, Rose-France, Quelques Violettes...»

D. EVA. — Nem sempre as novidades me enfeitam. Não tem «Royal Ciclamen»? E' o perfume da minha predilecção.

CAIXEIRO. — (trazendo um lindo estojo de setim roseo). Resta-nos apenas este. De facto, é um extracto bastante procurado. V. exc. foi feliz...

D. EVA. — Queira ter a bondade de embrulhar.

(Mette a mão na bolsa de prata; de subito, recorda-se de alguma cousa) E' verdade: queira ter a bondade de me mostrar uns espartilhos finos... de seda...

CAIXEIRO. — (desejando ser amavel). O que o marido de v. exc. levou hoje pela manhã não serviu?

D. EVA. — (entre surpresa e desconfiada, mas contendo-se em seguida). Meu marido! Ah! sim... Serviu, porém eu desejava ver outros estylos. A gente mesmo escolhendo é outra cousa...

CAIXEIRO. — (sem perceber a indiscreção). Perfeitamente. Vou mostrar com todo o prazer. Numero 72, não é assim? Foi o numero do que o marido de v. exc. comprou...

D. EVA. — (mordendo-se de ciúmes, pensando). 72 e eu visto 68! Para quem seria? Uma amante, decerto... E gorda! Oscar a se fazer tão santinho! Deixa estar... (ao caixeiro) Sabe? Resolvi ficar mesmo com o que meu marido escolheu. Desculpe o incommodo...

CAIXEIRO. — (acompanhando-a até á porta do automovel, entregando-lhe o embrulho de perfume). Passe bem, Exma. E não se esqueça de nos dar sempre a preferencia.

Durante a viagem o espirito de Eva tortura-se de zelos. A historia do espartilho toma um vulto enorme na sua imaginação. Depois de casada, pela primeira vez duvidava do esposo. Outra mulher tomava-lhe os carinhos d'elle... Evidente!

Quando se apeiou no jardim da residencia de D. Amalia, sua mãe, enxugava os olhos...

D. AMALIA. — Tardaste tanto! Pensei que havias esquecido o dia... Que tens? Estás triste, choraste?

D. EVA. — (disfarçando). Nada... Estou resfriada... Chego a chorar! Além disso, uma pouca de enxaqueca. Mas isto vae passar: tomei uma capsula de aspirina, ao sahir.

D. AMALIA. — (credula, abraçando a filha). Estava anciosa pela tua vinda, julgava ser doença, mas, felizmente, teu marido esteve ha pouco aqui, e disse-me que virias á tarde.

D. EVA. — Oscar veio cá? Nem me avisou nada...

D. AMALIA. — Veio trazer-me um presente e prometeu jantar. Um lindo presente, sabes?

D. EVA. — (anciosa, num clarão de verdade). Sim? E que foi?

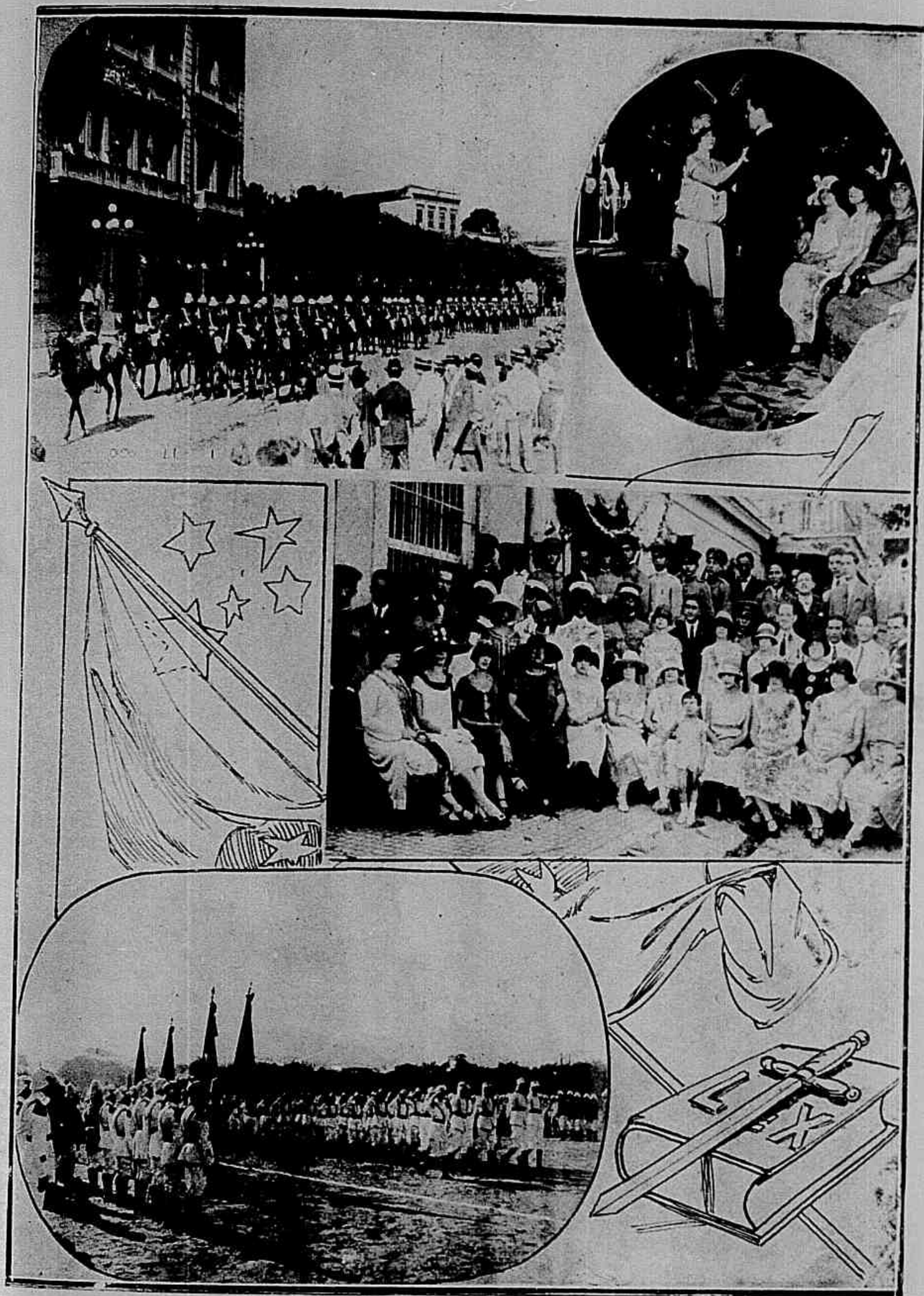
D. AMALIA. — (mostrando uma caixa esguia, toda branca, com um numero 72, vistoso, a vermelho, num dos lados). Um espartilho de seda feito em Paris...

Eva abre o rosto, num sorriso, reencontrando calma e alegria no céu azul da sua felicidade conjugal.

MARIO SETTE

Chronica photographica da cidade

A SEMANA MILITAR



1.º — Desfile dos recrutas de 1925 em frente ao Palácio do Catete, após o juramento da bandeira — 2.º — Entrega de medalhas aos atiradores — 3.º — Pessoas presentes á cerimonia da entrega de medalhas. — 4.º — Solemnidade do juramento da Bandeira.

FIGURAS NACIONAES



Magalhães de Almeida
(Futuro Presidente do Maranhão)

FIGURAS NACIONAES

MAGALHÃES DE ALMEIDA

Codó é, no Maranhão, a terceira cidade do Estado. E já o era da provincia, não só pelo seu movimento commercial, pela sua produção agricola, pelo seu desenvolvimento industrial, como pelas condições de cultura da sua população. Ainda o Brasil dependia, inteiro, da mão imperial dos Braganças, contando-lhes, humilde, as pedras da corôa, e já o Codó possuía um jornal abolicionista e republicano, caminhando, no norte, á frente das idéas liberaes. D'ahi, talvez, o espirito adeantado dos seus filhos e ser, dos centros de cultura do interior, um dos que maior tributo pagam, em homens illustres, á historia maranhense. E foi ahi que, em 1883, nasceu o, hoje, deputado, amanhã, senador, e, depois d'amanhã, presidente do Maranhão, José Maria Magalhães de Almeida.

Filho de um agricultor codoense, que participava, nas idéas e nas acções, dos movimentos politicos alli iniciados em favor de um regimen novo, José Maria andava pelos seis annos quando o pae lhe falou, pela primeira vez, em mettel-o na Marinha.

— E' uma bella carreira, meu filho, — dizia-lhe o velho; — foi a Marinha que deu ao Brasil a victoria no Paraguay. Procura, pois, desde já, pensar na vida do mar.

Pensar na vida do mar, no Codó, era o que havia de mais difficil. Mar, por alli, não havia nenhum. Encomendar um para o Maranhão, sahiria muito caro. E José Maria, á falta de outros elementos mais elucidativos, ficava a conjecturar sobre o monstro, imaginando uma poderosa massa d'agua, tão grande como a do Itapicuru em tempo de cheia, e sobre a qual elle, official de Marinha, vagasse, fardado, em uma canôa armada de morteiros. Para maior effeito da illusão, fabricava barcos de papel, soltava-os na correnteza, e ficava a olhar a pequena procissão itinerante, que lá se ia, aos saltos, ao sabor das ondas do rio...

Com essa alma de homem do sertão, preso pela hereditariedade á sua terra, foi que José Maria Magalhães de Almeida chegou, em 1899, ao Rio de Janeiro, para ser matriculado na Escola Naval, depois de haver feito, em dois ou tres annos, o curso de humanidades no Lyceu do Maranhão.

Magalhães de Almeida é um dos casos mais interessantes da virtude de adaptação do brasileiro. Como se explica, realmente, que um sertanejo, filho de sertanejos, não tendo jamais visto o oceano, se atire de subito á vida maritima, sem uma surpresa, sem um receio, sem uma curiosidade, e com a franqueza, a calma, o desassombro, de quem, desde creança, tivesse gosado o convívio das ondas?

Foi assim o moço do Codó. O mar, quando elle o viu, pareceu-lhe familiar. E de tal modo que, desde logo, começou a patentear a sua vocação para a vida aventureira do marinheiro, exigindo de si mesmo um trabalho intenso, febril, quasi brutal, nos exercicios e, sobretudo, na faina de bordo.

Ha physionomias que revellam o individuo, filiando-o, dentro da sua raça, a outra raça. Baixo, forte, moreno, rosto largo e imberbe, Magalhães de Almeida é um japonês nascido, por engano, no Brasil. E não o é apenas no typo: elle o é, sobretudo, na disciplina da vontade, na serenidade das attitudes, na calma com que faz, de cada acto da vida, um grave e tranquillo dever. Enviado ao estrangeiro em viagem de instrucção, a bordo do «Benjamin Constant», visitou toda a costa do continente, até os Estados Unidos. E, no navio, era um verdadeiro guardamarinha do Imperio do Sol Nascente, procurando, a cada

momento, entrar em contacto com o perigo, para conhecê-lo e vencê-lo. Duas viagens fez, assim, pelo mundo, até que, em 1905, já 1.º tenente, com uma brilhante fé de officio e uma fama de trabalhador assombroso, foi designado para ajudante de ordens de Huet Bacellar, na commissão a este incumbida, de construir, na Inglaterra, a nova esquadra do Brasil.

O nome de Huet Bacellar é, ainda hoje, um dos maiores patrimonios da Marinha brasileira. Ser escolhido por elle para missão de tal monta, era, então, o maior elogio que se podia fazer a um joven official. E maior elogio está, ainda, na circumstancia de ter Magalhães de Almeida permanecido nessas funcções durante cinco annos consecutivos, presidindo, com o seu chefe, a construcção do «Minas Geraes» e do «S. Paulo», cujas torres de aço lhe evocam, por isso, ainda hoje, os dias mais febris, e de maior entusiasmo profissional, da sua mocidade de marinheiro.

De regresso ao Brasil, o seu nome era, já, uma recommendação. O interesse, o zelo, o carinho, a paixão com que auxiliara o velho Huet na construcção dos dois «dreadnaughts», haviam-lhe grangeado numa situação especial na marinha. E assim é que, mal chegara da Inglaterra, foi logo enviado, com Belfort Vieira, na esquadra mandada ao Chile por occasião do Centenario d'esse paiz, e, logo depois, em navio de guerra, duas vezes á Argentina e, outras tantas, ao Uruguay. De regresso de uma d'essas viagens, estando no governo da Republica, interinamente, o dr. Urbano Santos, foi por este convidado para a casa militar do Presidente da Republica, deixando o cargo logo que reassumiu o poder o dr. Wenceslau Braz.

Estava-se, então, no mais grave periodo da guerra europea. O velho continente era uma grande fogueira. No mar do Norte como no Adriatico, as esquadras batiam-se, em escaramuças ou combates. E como o Brasil precisasse tirar qualquer lecção da experiencia alheia, foi Magalhães de Almeida enviado á Italia, como addido naval, para acompanhar de perto as luctas maritimas naquellas aguas legendarias.

Insinuante, amavel, e, ao mesmo tempo, com a paixão da sua especialidade, o joven official brasileiro ahi passou dois annos, ora nos arsenaes, acompanhando os aprestos da esquadra, ora no mar, a bordo das torpedeiras, dos couraçados, dos grandes submarinos de Thon de Revel. De cada marujo do Rei, fez um amigo. Tanto assim, que, terminada a guerra, tendo o governo de mandar ao Oriente uma esquadra em visita aos paizes pacificados, foi Magalhães de Almeida convidado para fazer parte da comitiva do Principe Aimone, de Saboya, representante de Sua Magestade. E, com elle, partiu. Visitou a Albania. Visitou a Grecia. Visitou a Turquia. Penetrou no Mar Negro, visitando a Bulgaria, a Rumania, e as cidades littoraneas da Russia. E estava em Roma, de novo, quando o principe o convidou para vir ao Brasil, a bordo do couraçado «Roma», que aqui esteve, como se sabe, em missão official. Logo depois, foi-lhe confiada aquella famosa missão do «Caravellas», velhissimo navio de vela que levou d'aqui ao Pará em 70 dias de bordejo em pleno oceano.

Foi por esse tempo que, notavel já, na sua classe, como profissional, Magalhães de Almeida se aproximou, mais, de Urbano Santos.

— O senhor tem corrido o mundo todo, — disse-lhe o velho chefe maranhense; — por que não vae conhecer,

(Cont. em Teatrics.)

ALCOVA DOS POETAS

A MATILHA, POR THEOPHILO DIAS

Pendente a lingua rubra, os sentidos attentos,
Inquieta, rastejando os vestigios sangrentos,
A matilha feroz persegue enfurecida,
Allucinadamente, a presa mal ferida.

Um, alitando o olhar, sonda a escura folhagem:
Outro consulta o vento; outro sorve a batagem,
O fresco, vivo odor, cálido, penetrante,
Que na rapida fuga, a victima arquejante
Vae deixando no ar, pèrfido e traiçoeiro:
Todos, num turbilhão phantastico, ligeiro,
Ora, em vortice, aqui se agrupam, rodam, giram,
E, cheios de furor frenetico, respiram,
Ora, cegos de raiva, affastados, dispersos,
Arrojam-se a correr. Vão por trilhos diversos,
Esbraseando o olhar, dilatando as narinas.
Transpõem num momento os valles e as collinas.
Sobem aos alcantis, descem pelas encostas,
Recrusam-se febris em direcções oppostas,
Té que da presa, enfim, nos musculos cançados



Cravam com avidez os dentes aliados.

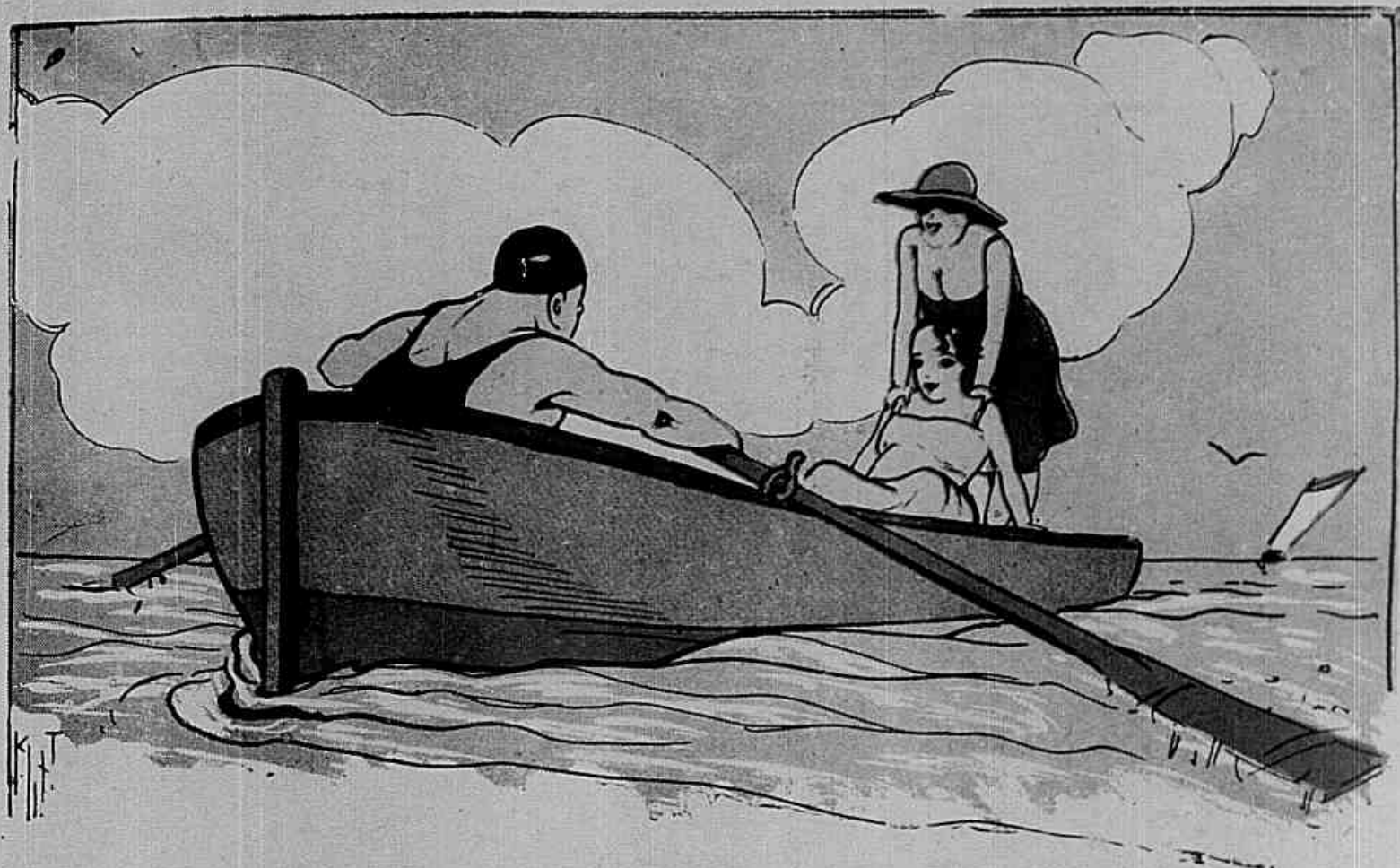
Não de outro modo, assim meus soffregos desejos
Em matilha voraz de allucinados beijos,
Percorrem-te o primor ás languosas linhas,
As curvas juvenis, onde a volupia aninhas,
Frescas ondulações de fórmulas florescentes,
Que o teu contorno imprime ás roupas eloquentes:
O dorso avelludado, electrico, felino,
Que poreja um vapor aromatico e fino:
O cabello revolto em anneis perfumados,
Em fofos turbilhões, elasticos, pesados;
As fibrilhas sublis dos lindos braços brancos,
Feitos para apertar em nervosos arrancos:
A exacta correcção das azuladas veias,
Que palpitam, de fogo entumecidas, cheias,
— Tudo a matilha audaz perlustra, corre, aspira,
Sonda, esquadrinha, explora, e anhelante respira
Até que, finalmente, embriagada, louca,
Vae encontrar a presa, — o gôso — em tua bôcca!

THEOPHILO DIAS

NO FRIGIR DOS OVOS



— Vê só o que um homem faz por uma mulher. Assim que soube que
vinhas jantar commigo, corri para casa, com elles na mão!



ELLAS — Mas, andando p'ra traz, não acerta o caminho!
 ELLE — Qual, minhas senhoras, eu nunca errei o bote!

A «REVANCHE» PELO ALMIRANTE JUSTINO RIBAS

Ha muito tempo que Dona Adelaide pensava em dar uma lição ao marido. Abusando da sua boa fé, elle vinha saindo, ultimamente, do serio, passando a noite na pandega e entrando em casa, ás vezes, alta madrugada. Simples e boa, a virtuosa senhora não brigava por isso. Amando o seu somno, as suas noites de socego, preferia conformar-se com aquelle abuso a ficar acordada até uma ou duas horas da manhã. E assim ia deixando correr a vida, até que se resolveu a pensar na vingança.

Dominando-se a si mesma, Dona Adelaide virou o seu relógio de pulseira posto sobre a mesinha de cabeceira marcar, naquella noite, as dez horas, as onze e as doze, e, em seguida, a uma e as duas da madrugada. Fallavam cinco minutos para as trez quando o portão do jardim gemeu lugubrememente dando passagem ao dono da casa, que, momentos depois, penetrava, pé ante pé, no quarto conjugal.

Ao vel-o entrar, Dona Adelaide simulou despertar, estremunhada.

— Que horas são, Abelardo? — indagou, sem abrir os olhos.

— São onze, filhinha... — informou o bilontra.

E mettendo-se nos lençóis:

— Acorda-me ás sete e meia; ouviste? Eu preciso estar no escriptorio antes das oito.



E soltou um ronco dominado já pelo somno.

Vendo-o adormecido, Dona Adelaide sorriu, antegozando a peça que ia pregar-lhe: e tomando o relógio, que havia escondido na gaveta da mesa, acertou-o nas onze horas, de accordo com a informação do marido.

Ao amanhecer, notou que o relógiozinho marcava duas horas, em vez de seis. Chamou a criada, ordenou-lhe que não fizesse barulho, fechou bem as janelas para que não entrasse claridade e deitou-se, de novo, olhando, attenta, o relógio de pulseira. E quando este marcou sete e meia, chamou-o:

— Abelardo!... Abelardo!... Acorda... São sete e meia!

Estremunhado, o conhecido mardano calçou as chinellas entrou para quarto de banho, fez a sua «toilette», vestiu-se, e desceu, preparado, já, para sair. Ao chegar, porém, á sala de café, espantou-se, olhando o relógio da copa:

— Que é isso? Onze e meia?

E chamando a esposa:

— Adelaide? Que é isso? Que horas são?

A moça desceu ao seu encontro, sorrindo:

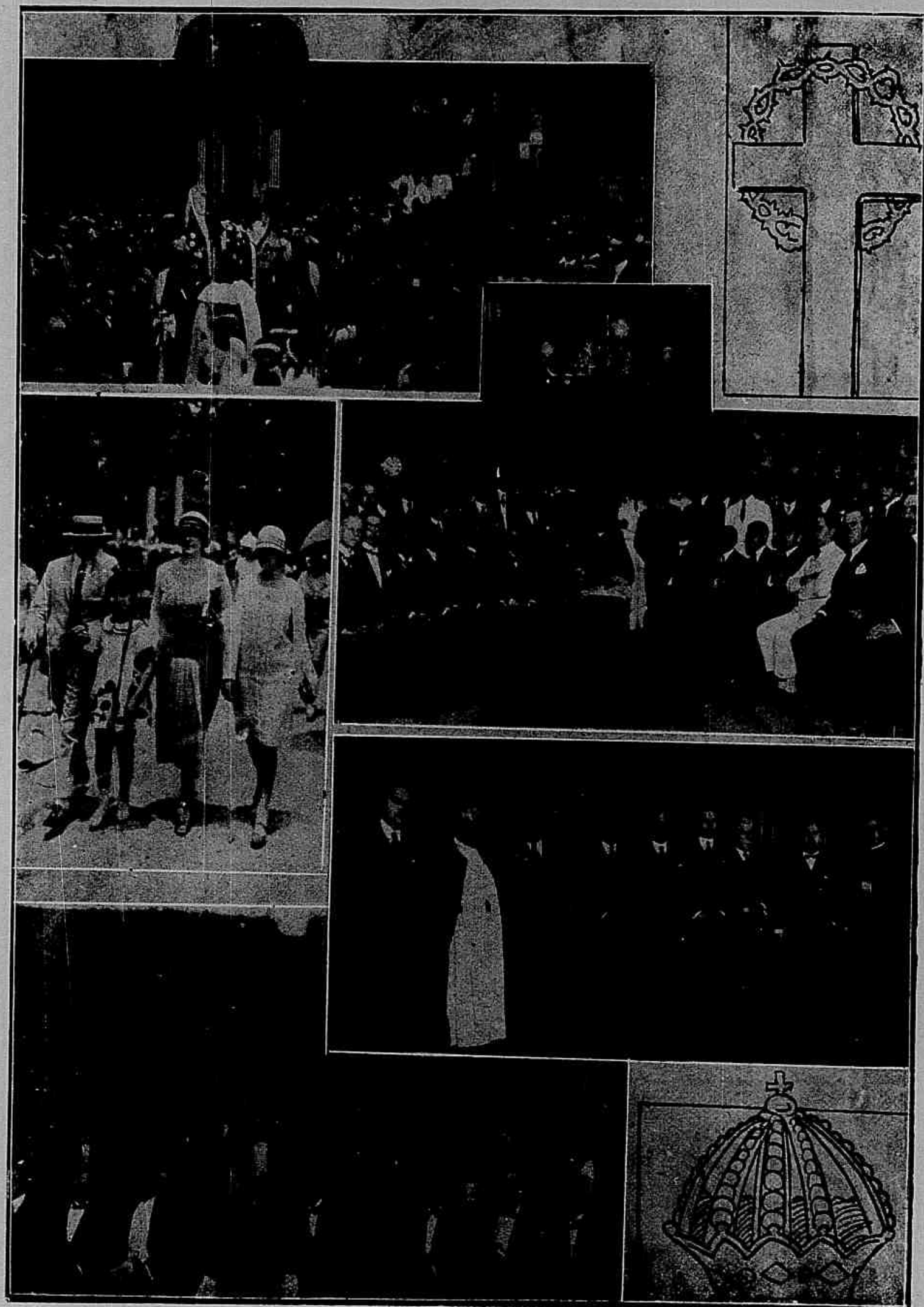
— Ah! embaixo são onze e meia, Abelardo; mas aqui, no meu relógio, são pouco mais de sete e meia.

E com a mesma fleugma:

— Eu o acertei á hora em que tu entraste as onze...

ALMIRANTE JUSTINO RIBAS

ACONTECIMENTOS DA SEMANA



1 — Procissão de Therezinha do Menino de Jesus. — 2. Instantâneo no Largo do Machado. — 3. Communhão dos intellectuaes na Cathedral Metropolitana. — 3. Recepção do ministro da Hespanha em commemoração do natalicio do rei Afonso XIII. — Homenagem da Camara de Commercio Hespanhola, em homenagem ao Governo Hespanhol.

FACHINEIRO NACIONALISTA DE GASTÃO PENALVA

Um dos typos mais curiosos e engraçados de marinheiro á antiga com que tenho embarcado foi o fachineiro João Baptista, braço direito da guarnição da «Tamoyo».

Era o palhaço do navio. Magnifico auxiliar do mestre, do official de serviço e do immediato, apesar do seu temperamento galhofeiro, tinha uma grande força moral sobre os seus companheiros. Não os deixava pôr pé em ramo verde. Ao toque de reunir, em seguida ao apito do guardião, fazia questão de que todo o pessoal entrasse em formatura no prazo maximo de cinco minutos. E aí! daquelle que não obedecesse ao seu chamado; era certo levar pelo costado um golpe rijo da gacheta de que sempre se armava, quando tinha que desentocar escamados da coberta.

Mesmo assim, a tripulação era doida por elle, porque não havia patuscada em que o endiabrado marujo se não metesse, nem farra de prôa em que não figurasse como personagem indispensavel.

Era turuna no maxixe, rebolando-se grotescamente ao som da charanga de bordo, em dias de retreta. A' noite, entre o recolher e o silencio, divertia immensamente os seus pares com toda a sorte de proezas que sahiam da fertil inventiva de marítimo: cantava lundús ao violão, fazia magicas, ensinava novos passos de samba, contava velhas aneddotas da vida do mar, onde sempre predominava a malicia de mixtura com o sal temperado das brisas marinhas; ás vezes mettia-se entre os musicos da banda, e ou tirava sons insupportaveis do piston, ou rufava na caixa e no bombo, arte em que era exímio.

Ademais, o physico do João Baptista ajudava enormemente a todas essas fececias. Era um preto retinto, tendo apenas alvos os dentes, sempre á mostra, e o esbugalhado exotico dos olhos; pernas exageradamente arqueadas, com a bainha das calças sempre presas nas alças dos sapatos. E vivia a rir-se, estourando em gargalhadas homericas que estrugiam de pôpa a prôa.

Pois, nesses tempos de embryonario nacionalismo, o João Baptista já era nacionalista.

Detestava o estrangeiro, a ponto de aportar muitas vezes em terras da Europa e da America, e conservar-se a bordo, sem sahir para nada, abominando o contacto «com esses gringos (dizia elle), que falam uma lingua que nem cachorro entende».

Por isso, não admittia que outras marinhas possuíssem, por uma questão de regimento interno, os mesmos habitos da nossa.

Um dia, havia fundeado na Guanabara o cruzador italiano «Fieramosca», justamente ao lado da «Tamoyo».

O fachineiro foi para a borda do seu barco contemplar como os seus collegas a bellonave recémvinda. Todos observavam que a tabella do estrangeiro era quasi igual á nossa, sendo mes-

mo semelhantes muitos toques de corneta. João Baptista não concordava.

Ao dia seguinte, pela alvorada, logo após o toque de fachina, seguiu-se outro, que os marujos brasileiros interpretaram como si fosse o de rancho.

PROPOSTAS



ELLA — Meu pae declarou-me que o meu dote será pago em porções, todos os mezes.

ELLE — Isso é para quem casar a prestações... E se eu casar de uma vez?

— Lá está o italiano chamando para o café — arriscou um do grupo.

João Baptista indignou-se. Olhou para o desastrado com ar carrancudo, e fulminou-o:

— Sê besta, Zé Maria. Onde é que você já viu carcamano tomá café? Aquelle toque é toque de macarrão...

E lá se foi gingando, a procurar no castello os grumetes refractarios á formatura.



UM NOIVADO COMO HA MUITOS POR ERASMO JUNIOR

A historia desse amor é a velha historia
Do namoro, findando em casamento:
Um sorriso... e a paixão rompe, illusoria...
Beijos... arrufos... enternecimento...

Depois — quem sabe — a desventura?... a gloria?...
As mais das vezes, o arrependimento!...

Que a noiva tenha a fama de finoria
E o noivo a de «pirata» eu não comento.

O certo é que, no fim do anno passado,
Permutaram, na noite do noivado,
O symbolico anel dos esponsaes.

Mas, no dia seguinte, — ha quem odiga —
Foi-se encontrar o anel da rapariga
Enfiado no dedo do rapaz!...

ERASMO JUNIOR

O CACHORRO DO RABBINO DE RAYMOND GEIGER

(Trad. d' "A MAÇA")

O rabbino Levy, de Cracovia, era casado, mas votava toda a sua afeição a um cachorro de raça, que o príncipe Nicolau lhe havia oferecido.

— El'ê é mais inteligente que um homem — dizia frequentemente. — Para ser perfeito, não lhe falta senão falar!

Um dia, na ocasião em que jantava em casa do rabbino, Mendel ouviu d'este a sua frase favorita. E observou-lhe logo:

— Por que, então, o rabbino não o manda ensinar a fallar?

— A fallar? Tu estás doido?

— Doido, não. Repito: a fallar. Então o rabbino não sabe que ha em Varsovia um sabio, pessoa de todo o respeito, que ensina aos cães a linguagem dos homens?

O rabbino pareceu, a principio, incredulo. Diante, porém dos argumentos de Mendel, tomou a resolução de confiar a este o seu cão, para que o levasse a Varsovia á escola do sabio famoso. Munido de duzentos rublos, ouro, para a sua viagem, e de outros tantos para custear os estudos do animal na escola do sabio illustre, Mendel parte. Apenas, porém, havia chegado fora da cidade, tratou, logo, de asfugar o cão, atirando-o a um poço, continuando em seguida o seu caminho, com o dinheiro do rabbino. Ao fim de uma semana, volta e vae ver o sacerdote.

— Então, Mendel, — pergunta-lhe este: — como vae o meu cão?

— Rabbino, o seu cão, dentro de um mez, fallará como o rabbino e como eu. Foi o que me disse o sabio. Imagine que, lá, eu falei com um rato, com uma vacca e com um canario! O professor pediu-me que voltasse dentro de um mez.

Ao fim de um mez, Mendel vae ver o rabbino, pedindo-lhe duzentos rublos, ouro, para poder ir ver o cachorro. Embolsa-os, e parte para Varsovia, onde leva, de novo, oito dias de pangeda. De regresso, procura o rabbino.

— Que é isso, Mendel? Voltas com as mãos vazias? Onde está o cão?

— Rabbino, imagine que o cão já está fa-

lando. Mas gagueja um pouco. O professor pediu-me, então, que o deixasse lá mais um mez.

«Mas isso vae me custar caro?» — perguntei-lhe

— «Não, respondeu-me, apenas cem rublos».

«E quando deverei voltar?» — «Dentro de um mez». Eu deixei, então, lá o bicho e voltei, para ir lá, de novo, d'aquí a um mez.

— Fizeste bem, Mendel.

Pela terceira vez, parte Mendel para Varsovia, munido de dinheiro para divertir-se. E de volta, corre á casa do rabbino, que o aguarda ansioso:

— E meu cão, Mendel?

— Ah, rabbino, escute-me. Que animal assombroso! Que genio! Nós conversámos, os dois, longamente, eu e elle. Ninguém diria que era um cachorro! Não gaguejava mais. Pedia-me noticias de todo o mundo, e falava de todo o mundo com uma familiaridade, uma certeza, um interesse, que parecia de gente grande!

— De mim, que foi que elle disse?

— Do rabbino, elle me disse assim: «Então, como vae o rabbino? Elle dorme ainda com a creda?» O rabbino comprehende como eu fiquei. Eu disse logo, commigo: «O diabo deste cachorro, quando chegar a Cracovia, vae repetir isso a toda a gente!». Então, peguei o, e, aproveitando a occasião, afoguei-o no rio.

— Que o bom Deus te abençoe. Fizeste muito bem, Mendel!



RAYMOND GEIGER



□ □ □ O HUMORISMO NOS ESTADOS □ □ □ □ □ □ □ □ □ □ □ □ (PERNAMBUCO) □ □ □

UM CASO DE MATERIALISAÇÃO DE CRISALVO LAFAYETTE

Farnocio Ribeiro é um desses indivíduos já na casa dos cinquenta, e que possuidor de razoável cultura, mas incognita, nasceu para ser, no meio em que vivemos, uma creatura boa, credula, infensa a discussões de qualquer natureza, vivendo bem com Deus e com o diabo, em synthese: uma aberração completa e curiosa ás proprias normas sociaes, pois elle se mantinha num isolamento intransigentemente perseverante, vivendo apenas para si e para os seus, igno rando talvez (quem sabe?) a propria sociedade da sua existencia.

Elle era assim uma especie do velho Diogenes, mas com a diffe-

nos arvoredos, cantando o dia infeiro e estragando as fructas, e o rio muito alvo correndo placidamente lá adiante sombreado pela folhagem.

Dalli para o emprego; do emprego para a casa... era a vida de Farnocio Ribeiro: não porque, digamos a verdade, fosse elle um typo digno de ser taxado de misantropo, ou por condescendencia de insociavel, e sim por culpa da sociedade que parecia repelli-lo, tendo-o injustamente como uma mollecua insensibilizada e inutil ao proprio organismo social.

Tambem elle era a bondade personificada, valia-lhe isso, porque parecendo ter uma certa predisposição para a presciencia, nunca se preocupára em pôr os seus bons principios de percepção das cousas, a serviço daquillo que revoltaria até á medulla o que vive esmolando a caricia social.

Uma alma simples o Farnocio Ribeiro; tão simples que apenas quatro cousas no mundo resumiam tudo para elle: a mulher, os filhos, o dinheiro e os livros, sendo que o dinheiro encerrava sob o prisma da sua estricta utilidade.

Os livros... Os que Farnocio adorava, quem quizesse que os fôsse vêr. Nada de Darwin com os seus gorillas e o seu materialismo capcioso; de Oscar Wilde a disseminar o veneno do pessimismo; de Rabelais com as suas originalidades; de Cervantes com o seu D. Quixote; de Zola com o seu realismo escandaloso ou de Eça de Queiroz com as suas investidas contra tudo e contra todos; não, os livros da predilecção de Farnocio Ribeiro eram a Biblia, alguma litteraturasinha de Blasco Ibañez, as "Orações fúnebres" de Bossuet, e nada mais.

Avaliem que elle tinha tanto horror á discussão que evitava, apesar do genero de leitura que preferia, intercalar á sua modesta bibliotheca livros que tocassem mesmo de leve na Inquisição.

Todavia, como é racional, tudo se transforma, se destrue ou se corrompe.

De um lado é na mineralogia, a prata que reduzida a nitrato, por intermedio do tempo ou por influencias chimicas, volta fatalmente ao estado primitivo: de outro lado as botas que depois de usa-las, jogamo-las fóra aos farrapos, ou então uma cara de mulher bonita de quem a natureza perversamente elimina o encanto. As selecções extravagantes de Farnocio teriam de desaparecer ou então serem modificadas.

E foi justamente isso que se deu.

Palestrando, duas vezes, com um seu vizinho que se dava á pratica da invocação dos mortos, Farnocio Ribeiro tornou-se repentinamente mais espirita do que elle, abraçando a complicada religião de Kardec com a mesma facilidade com que distribuía o ordenado no fim do mez com os credores numerosos e insaciaveis.

E começou então para elle uma nova vida cheia dos esplendores da metaphysica, — templo magico, onde, lendo Kardec e Leon Denis, estava convencido de ter encontrado como um alchimista incansavel o authentico elixir de longa vida: a immortalidade que via abysmado prefulgir além das fronteiras desertas do materialismo.

Noites inteiras, então, elle passou no deslumbramento da sua iniciação em a nova doutrina, em multiplas sessões espiritas, ouvindo sahir da bocca de "mediums" que tremiam no apogeu de transe sobrenaturaes, a vo: mysteriosa emanada dos elevados dominios siderais, e o facto é que, com o decorrer de certo espaço de tempo, elle se esquecia da Biblia, de Ibañez, dos filhos, da mulher, do dinheiro, de tudo.

Só o espiritismo o preocupava. E tantas foram as sessões espiritas assistidas por Farnocio Ribeiro que, um dia, numa dellas, foi-lhe reservada a maior das surpresas.

Seu velho pae que já havia fallecido ha um bocado de annos, "manifestando-se" num dos "mediums", depois de conlar-lhe as maravilhas e os martyrios do Além, numa p.elecção clara e conscienciosa, mostrou-lhe depois como se davam os phenomenos physicos oriundos do sobrenatural, fallando sobre os casos de levitação, de transporte, de materialisação, enfim, numa porção de cousas transcendentes e curi sas,

— Deixa estar meu filho, disse-lhe gravemente o espirito, que um dia farei con que admires o phenomeno da materialisação.

E foi pensando fortemente nas ultimas palavras ditas pelo pae que Farnocio Ribeiro tomou o ultimo bonde de Beberibe; andou o pé o percurso que separava o ponta terminal da linha, da sua casa: abriu cautelosamente o portão: acariciou o "ox-terrier": collocou a chave na fechadura; deu a volta; empurrou a porta e entrou calmamente na sala — onde o esperava uma surpresa ainda maior.

D. Walmyra, sua dilecta esposa, em pé junto ao sofá, pallida e tremula, compunha apressadamente as vestes e ajustava os cabellos, e alguem depois de olhar Farnocio que, immobilizado, amedrontado e também pallido, ficára junto da porta sem mover-se, pulou como um galgo a janella aberta, desaparecendo protegido pela treva da noite.

E Farnocio, para a mulher ainda com a voz tremula pelo pavor:

— Foi o espirito de meu pae, jura: não foi Walmyra?

— Foi, sim, meu filho. . . Foi o espirito do teu pae. . .

"LICÇÃO DE COUSAS"



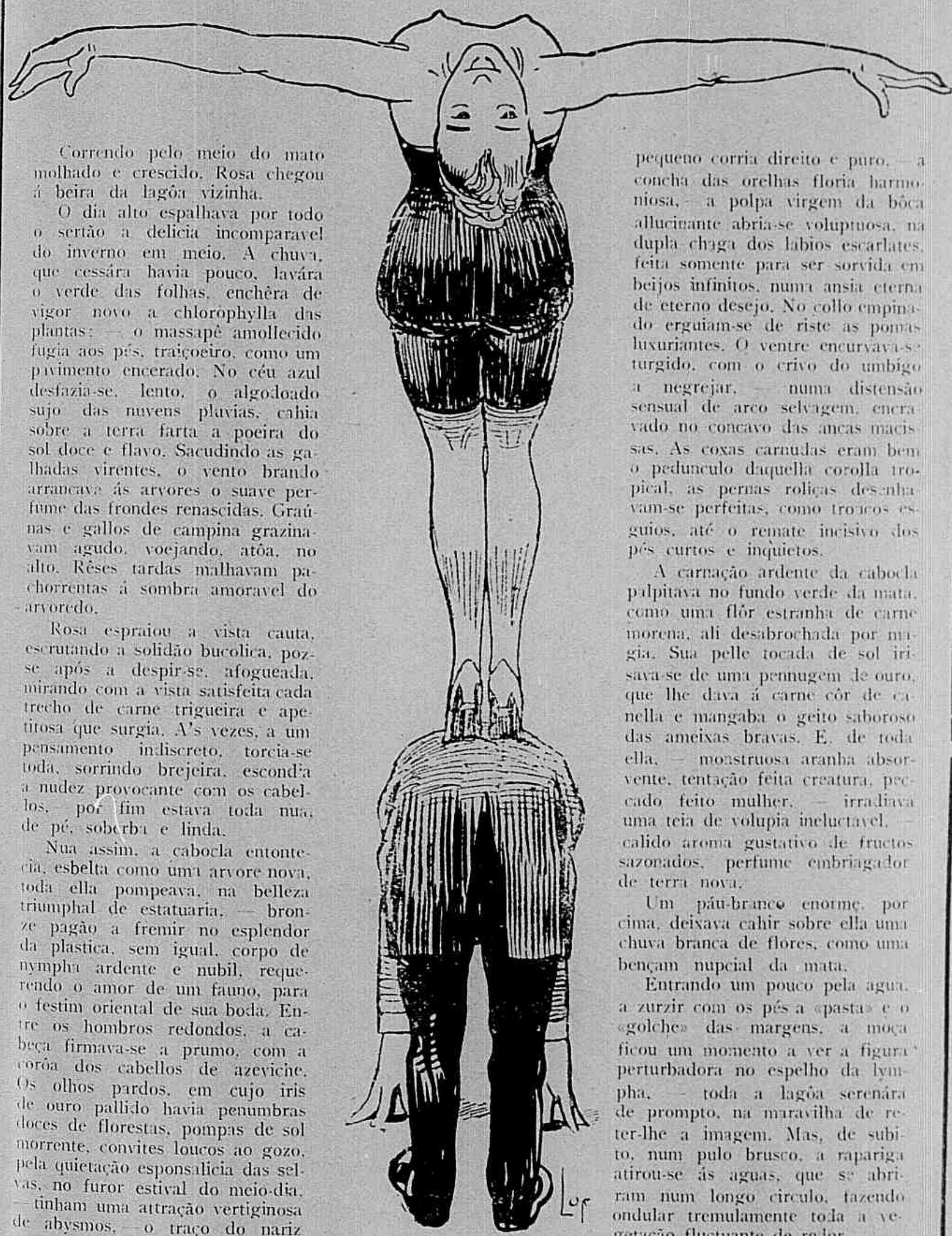
— Meninas, lá vai a pomba. Não se esqueçam que é o symbolo da paz, no lar!

rença de viver mettido no tonel da familia, sem a esmola ao menos da visita de um Alexandre.

Casado em segundas nupcias com uma mulher persuasiva e deleitavel, escriptor de affecto e ingenuidade que oblivera numa das nossas longinquoas cidades serranas, móra Farnocio Ribeiro no calmo e pittoresco Beberibe, num sítio onde se veem a casinha modestamente pintada de amarello, uma ou outra mangueira estrangulada pela parasita, os pintasilgos e canarios, trefegos canalhas que vivem a pular

CRISALVO LAFAYETTE

NO BANHO EXCEPÇÃO DE HERMAN LIMA



Correndo pelo meio do mato molhado e crescido. Rosa chegou à beira da lagôa vizinha.

O dia alto espalhava por todo o sertão a delícia incomparável do inverno em meio. A chuva, que cessára havia pouco, lavára o verde das folhas, enchêra de vigor novo a chlorophylla das plantas: — o massapé amolecido fugia aos pés, traçoeiro, como um pavimento encerado. No céu azul desfazia-se, lento, o algodoadado sujo das nuvens pluvias, cahia sobre a terra farta a poeira do sol doce e flavo. Sacudindo as galhadas virentes, o vento brando arrancava às arvores o suave perfume das frondes renascidas. Graúnas e gallos de campina grazinavam agudo, voejando, atôa, no alto. Rêses tardas malhavam pachorrentas à sombra amorável do arvoredado.

Rosa espraçou a vista cauta, scrutando a solidão bucólica, poz-se após a despir-se, afogueada, mirando com a vista satisfeita cada trecho de carne trigueira e apetitosa que surgia. Às vezes, a um pensamento indiscreto, torcia-se toda, sorrindo brejeira, escondia a nudez provocante com os cabellos, — por fim estava toda nua, de pé, soberba e linda.

Nua assim, a cabocla entonteçia, esbelta como uma arvore nova, toda ella pompeava, na belleza triumphal de estatuaria, — bronze pagão a fremir no esplendor da plastica, sem igual, corpo de nympha ardente e nubil, requerendo o amor de um fauno, para o festim oriental de sua boda. Entre os hombros redondos, a cabeça firmava-se a prumo, com a corôa dos cabellos de azeviche. Os olhos pardos, em cujo iris de ouro pallido havia penumbras doces de florestas, pompas de sol morrente, convites loucos ao gozo, pela quietação esponsalicia das selvas, no furor estival do meio-dia, — tinham uma atracção vertiginosa de abysmos, — o traço do nariz

pequeno corria direito e puro, — a concha das orelhas floria harmoniosa, — a polpa virgem da bôca allucinante abria-se voluptuosa, na dupla chaga dos labios escarlates, feita somente para ser sorvida em beijos infinitos, numa ansia eterna de eterno desejo. No collo empinado erguiam-se de riste as pommas luxuriantes. O ventre encurvava-se turgido, com o crivo do umbigo a negrejar, — numa distensão sensual de arco selvagem, encaivado no concavo das ancas macissas. As coxas carnudas eram bem o pedunculo daquella corolla tropical, as pernas roliças desenhavam-se perfectas, como trocos esguios, até o remate incisivo dos pés curtos e inquietos.

A carnação ardente da cabocla palpitava no fundo verde da mata, como uma flôr estranha de carne morena, ali desabrochada por magia. Sua pelle tocada de sol irrisava-se de uma pennugem de ouro, que lhe dava á carne côr de canella e mangaba o geito saboroso das ameixas bravas. E, de toda ella, — monstruosa aranha absorvente, tentação feita creatura, peccado feito mulher, — irradiava uma teia de volupia ineluctavel, — calido aroma gustativo de fructos sazonados, perfume embriagador de terra nova.

Um páu-branco enorme, por cima, deixava cair sobre ella uma chuva branca de flores, como uma benção nupcial da mata.

Entrando um pouco pela agua, a zurzir com os pés a «pasta» e o «golche» das margens, a moça ficou um momento a ver a figura perturbadora no espelho da lympa, — toda a lagôa serenára de prompto, na maravilha de reter-lhe a imagem. Mas, de subito, num pulo brusco, a rapariga atirou-se ás aguas, que se abriram num longo circulo, fazendo ondular tremulamente toda a vegetação fluctuante de redor.

HERMAN LIMA

Humoristas francezes + + + + +

A VIAGEM NO FAR-WEST, POR J. W. BIENSTOCH

+ + + + + Trad. d' «A Maça» + + + + +



O archi-millionario americano Thompson Lodge viajava nas regiões longinhas e pottiorescas do Far-West, acompanhado das suas duas filhas, duas «misses» de 16 e 18 annos, lindas como o são todas as filhas dos archi-millionarios americanos. O trem atravessava uma paysagem admiravel, mas completamente desertas, em que as estações ficavam separadas umas das outras por alguns milhares de kilometros. Fazia um calor de quebrar thermometros.

E nada de gelo! Os viajantes e os raios do sol não haviam deixado um pedaço, sequer. As duas «misses» padeciam uma sede horivel. Em vão o pae havia implorado ao «barman». Havia xaropes, licores, soda, limonada, mas tudo quente, para ser bebido em copos que queimavam os labios. Afflicto com o sofrimento das filhas, Thompson Lodge resolveu percorrer o trem de ponta a ponta, gritando:

— Cem dollars a quem me arranjar dois pedaços de gelo!... Cem dollars por dois pedaços de gelo!...

De repente, sobre uma das passarellas que ligam os wagons, um homem de aspecto sinistro, e vestido de preto, veio ao seu encontro e estendeu-lhe dois pedaços de gelo embrulhados em um jornal. O archi-millionario paga os cem dollars, sem discutir. E pode-se imaginar o que foi a alegria das duas «misses» ao ingerir as duas limonadas «glacées», que lhes restituíram a vida.

Passada, porém, uma hora, voltou-lhes a sede, e, dessa vez, mais ardente. O pae, commovido, sahio á procura do individuo mysterioso. Encontrou-o ainda entre dois wagons, mas, dessa vez, teve de, após muitas instancias, dispendir mil dollars por dois pedaços de gelo, ainda menores que os primeiros. As «misses» tomaram outra limonada. Mas a sede tornou...

E o trem rolava sempre. Eram tres horas depois do meio dia e o calor crescia, subia, augmentava. E eu não preciso dizer, aqui, que, quem mais bebe, mais tem sede.

As duas «misses» experimentavam cruelmente a verdade desta forte observação physiologica. Derreadas sobre as banquetas do «Pullman», as duas estavam, já, com a lingua de fóra, como os caniches que correm ao sol. Esbaforido, o pae corria de um lado para outro, procurando, em vão, o mysterioso homem de preto. Teria descido em caminho? Ninguém lh'o poderia dizer.

Pulando de wagon em wagon, Thompson Lodge chega, enfim, á cauda do trem, onde cambaleava o carro de bagagens. O centro do carro estava occupado por um esquife de chumbo, que parecia ter sido aberto com um golpe de instrumento cortante. Junto do esquife, a cabeça entre as mãos, o olhar fixo, sentado sobre uma grande mala, estava o homem de luto.

— Enfim, é o senhor!... — exclama o archi-millionario, alegrando a physionomia. — Já percorri o trem toda a sua procura, offerecendo cinco mil dollars por mais dois pedaços de gelo!... Minhas filhas estão morrendo de sede!...

— Ellas ressuscitarão na proxima estação, onde chegaremos dentro de vinte minutos, — obtemperou, calmo, o homem de preto.

— Mas, d'aqui até lá, ellas soffrerão muito! São mais cinco mil dollars, mais dez mil, que eu lhe offereço! Dez mil: comprehendeu?

— Nem por ouro, nem por prata, — respondeu o mysterioso viajante.

E indicando a fenda do esquife, que Thompson Lodge ainda não tinha visto, e por onde se divisavam membros de um corpo humano:

— Se eu lhe dêr mais um unico pedaço de gelo, o cadaver do meu pobre tio chega pôdre, na primeira estação!



• J W. BIENSTOCH •

FIGURAS & FACTOS



1 — Paulo Cezar, primogenito do sr. Adherbal Bastos, despachante aduaneiro. — 2. Embarque do dr. Carlos de Campos de regresso para S. Paulo. — 3. S. Excia. em visita ao Centro Paulista. — 4. A sahila da missa no Largo do Machado. — 5. Baile no Club de Regatas Guanabara.

"Capital"

**Continua a ser o grande
emporio da moda masculi-
na entre nós. - - - - -**

**Nas suas duas casas da
Avenida encontram-se
sempre as ultimas novida-
des em CAMISAS, GRAVA-
TAS, MEIAS, CHAPÉOS, etc.**

**Vejam as suas gran-
des exposições.**



THEATRE

“POTINS” OU POTINHOS

Artistas, auctores e os outros

Perfis sem perfidia

LUPE RIVAS CACHO

Lupe, quer dizer «lente» em portuguez. Atravez d'essa lente pequenina e Linda, vimos engrandecer o Mexico ao ponto de o podermos ver, de hoje em diante, sem lente e oxi: sempre fosse com tão linda lupe.



Lupe Rivas Cacho é como os frascos de perfume de mais caro preço: pequena e simples. Nada de rotulos espantosos com desenhos a dourado. A sua simplicidade — filha da convicção no seu talento — faz uma actriz. Acostumada a ver a vida e a saber dos costumes da gente humilde das aldeias, ella trouxe essa gente — elegante ou maltrapilha — para o palco. Não representa: vive. E como sabe viver e ser carinhosa e boa, creou no espirito de todos os brasileiros esse ambiente que as reclamaes não fazem e que só arranjam os que, por natureza, o possuem: a sympathia. Lupe Rivas Cacho fica sendo a «rainha da sympathia». Está bem?

A enormidade do seu valor de artista é tão exaggerada, como é exaggerado o seu pequeno tamanho e tudo é conforme n'essa actriz que sabe ser mulher e não aprendeu a ser cabotina. Diz que veio ao Brasil porque é mexicana. Diz que veio ver se era verdade: temos que lhe dizer que sim, porque mesmo que a nossa amizade pelo paiz dos «jarabes» não fosse um facto, a amizade pela Rivas Cacho já é tamanha que tinhamos forçosamente que querer bem á terra que tão linda e tão querida filha deu ao mundo.

E' uma embaixatriz. Da arte? E porque não? Dentro das revistas de Rivas Cacho há alma e sentimento, alegria e tristeza, muita dor mas muita verdade. Que o Mexico não sabe esquecer as suas maguas? Melhor.

E' a prova da sua sinceridade. Os votos tão amigos que a republica amiga faz pelo Brasil, não seriam tão acreditados se o Mexico não soubesse differenciar os bons dos que não prestam. As suas queixas não se calam e se falla o coração para bem dizer o Brasil, porque afogar esse mesmo coração quando se enche de revolta e de tristeza? Lupe Rivas Cacho, estrella magnifica, figura pequena e tão enorme como a sabem ver os que a conhecem é a «lupe» pela qual vemos, enorme, forte, glorioso, cheio de sangue e de vida, o coração do Mexico que tem na sua bandeira o «branco» da paz, o «verde» da esperanza e o «vermelho» do sangue que gira e corre e ferve nas veias dos seus verdadeiros filhos.

Por isso Ribas Cacho é assim: um grande coração de artista, uma grande alma de mexicana, uma mulher que todos nós — brasileiros — teriamos prazer em dizer que era nossa irmã de sangue...

Uma parte da imprensa diaria não se mostrou muito satisfeita, atravez de suas criticas, no dia seguinte á estrêa da companhia Lyrica Mexicana. Não nos parece que tenham sido justos os que assim manifestaram o seu desagrado depois do duplo espectáculo composto de duas revistas — «Atravez da Terra» e «Mexico Typico».

Acaso os reclamaes — aliás largamente desenvolvidos — promettiam este mundo e o outro ao publico do Rio de Janeiro? De modo nenhum. Nellas o que se promettia era uma serie de representações typicas mexicanas por uma «troupe» tambem typica mexicana. Outra coisa não nos deram a ver com aquellas revistas citadas os elementos da Rivas Cacho. A estrêa esteve, pois, dentro da verdade annunciada.

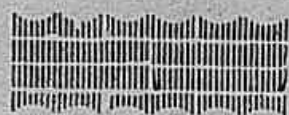
O publico tambem gosta de ter opiniões. Pela grande concurrencia que tem levado á sala do Lyrico, todas as noites, é claro que patenteia o seu agrado por aquelles espectaculos tão caracteristicos, a que não faltam originaes decorações scenicas, variadissimos bailados, lindas canções, numeros comicos e tambem... hermosas muchachas.

OS NACIONAES

— O S. José tem moradores novos. Já lá esta Leopoldo Fróes ás voltas com a vivissima sympathia que a gente carioca lhe dedica. Os antigos inquilinos — aquelle barulhento bando de estrellas e estrellas de revistas — atravessaram, de mala ás costas, a bahia da Guanabara e foram forrar-se da censura, com piadas viajadas, na invicta Netheroy.

— Depois de um reduzido numero de representações, em «réprise», do «Eu arranjo tudo», o Trianon voltou aos seus favoritos argentinos, desta vez com uma alta comedia.

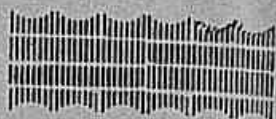
— No Recreio e no Carlos Gomes não ha novidade. As «comidas» continuam as mesmas, com parcimonia no sal.



THEATRICES

♦♦♦♦♦ (CONTINUAÇÃO) ♦♦♦♦♦

OS MEXICANOS



Lupe Rivas Cacho com as principais figuras da companhia que está trabalhando no Theatro Lyrico

AS PARCERIAS

Como se fazem — Às vezes com lealdade, outras por intrujice e muito por acaso. Na ultima hypothese costuma acontecer como na maior parte dos casamentos: a felicidade da união é um bilhete de loteria que os céos podem premiar ou deixar branco. E quando os dois parceiros percebem que não nasceram um para o outro e a incompatibilidade de genios os separa — é um Deus nós acuda de queixas e recriminações.

Por lealdade, não é commum. Mas, já tem occorrido o pequeno milagre.

E por intrujice? Ah! por intrujice o caso é muito serio e vale todo um capitulo de psychologia do cabo-

tinismo... Aliás, entre nós não se conhecem exemplos de formação de parceria por tapeação. Isso é lá por fóra. Aqui, não; aqui é tudo muito direitinho.

Como se desfazem — Ora, á tóa, ora por motivos serios.

A' tóa quer dizer por ciunada profissional, por um despeito mesmo leve e ainda por uma questiunculada de caixa de theatro.

Dos outros motivos o mais serio é o que consiste em attribuir-se cada qual dos parceiros a si proprio a somma geral dos numeros de maior agrado da revista. Ahi o divorcio é certo e raras vezes amigavel. Em geral os autores não sabem como é gostoso separar-se a gente do «rabicho», conservando, porém, uma boa camaradagem...



CORONEL KHAR ONA



(Cont. de Magalhães de Almeida.)

tambem, a nossa terra? Vá ao Maranhão. Quem sabe se não acabará tomando-lhe amor ainda maior, e servindo-a com o que aprendeu por ahi?

Magalhães de Almeida foi. O contraste entre a humildade sadia do seu povo e o esplendor das cortes que havia visitado encheu-o de carinho ainda maior pelo seu Maranhão. De regresso, Urbano Santos aproveitou o ensejo, e fez-o deputado. E eis o brilhante official de Marinha, o percorredor de quasi todos os mares do mundo, transformado em politico, na bancada do seu Estado!

Eleito, não quiz, contudo, a commodidade a que se affeição, em geral, os representantes da nação: partiu, de novo, para o Maranhão; correu municipio por municipio — em numero de 48 — auscultando as necessidades de cada um. Assim como fez em Paris, em Londres, em Roma, em Santiago, em Constantinopla, em Odessa, em Buenos-

Aires, em Nova-York, — fez em Caxas, em Carolina, no Coroaá, na Miritiba, na Tutoya, tornando cada conhecido em um amigo leal. Intimo de Godofredo Vianna, quasi seu irmão, foi aos Estados-Unidos, contractando, alli, os serviços de illuminação, de agua, de viação e de esgotos, que fizeram de São Luiz uma cidade moderna.

E, agora, com 42 annos, vai Magalhães de Almeida para o Senado, de onde, logo depois, passará para o governo do Maranhão. Haverá, na politica brasileira, vida mais nervosa, mais intensa, mais victoriosa?

— O Magalhães tem cara de japonês, — observam os que o conhecem.

E elle o é mais do que na figura. Tivesse o nome de Yamamoto, e, hoje, com a energia assombrosa que tem, seria almirante no Pacifico, se não fosse, na politica, primeiro ministro do Mikado.

PLUTARCO.

HUMORISTAS PORTUGUEZES

ANTROPOPHAGOS POR ANDRE' BRUM

Figados de Rinoceronte, conceituado selvagem papú, estava tomando o fresco á porta da sua casa-matta, quando compareceu um mensageiro do Olho de Avestruz, não menos considerado papú, que morava dalli arredado cerca de duas léguas. Trazia de baixo do braço um pedaço de folha de palmeira, — papel de cartas — muito usado na região. Era uma epistola de Olho de Avestruz, que dizia o seguinte:

«Meu caro:

Tenho hoje uma pequena festa de família e peço-te o favor de vires jantar commigo. Preparo-te uma surpresa».

Teu

OLHO DE AVESTRUZ

«Official de Sant'Iago».

— Está bem, disse o convidado. Diga lá ao amigo Olho que das seis para as sete do corrente lá estou e levo os dentes todos.

A hora combinada lá estava com effeito. Logo ao entrar lhe chegou ás narinas um cheirinho agradável, destes que fazem crescer um oceano na bocca de qualquer contribuinte.

— Então essa surpresa? indagou o Figados de Rinoceronte, intrigado.

— Vais comer um peisquinho que nunca provaste, replicou com um sorriso o Olho de Avestruz. Imagina tu que fui hontem á caça e apanhei um sábio allemão.

— Oh! exclamou com inveja o Figados. Tens uma sorte damnada.

E' preciso explicar que na Papuásia o sábio allemão é considerado como uma das mais raras e melhores peças de caça. Poucos papús se gabam de o ter provado. E' como o faisão para nós, indígenas da Paivipónia.

— Mandei-o rechear e fazer com molho de virósas. Estava gordo que nem tu imaginas. Ficou

de uma pessoa lambor os dedos até aos sovacos.

— Bem. Isto são horas, declarou o Figados de Rinoceronte. Se fossenos para a mesa?

O Olho de Avestruz convidára varios amigos e parentes e o jantar correu muito bem, mostrando se unicamente descontente um primo pobre do dono da casa a quem deram o pescoço e ficou damnado. O mineralogista estava muito apetitoso e tinha apenas aquelle gosto a cerveja peculiar das carnes allemãs.

No fim do banquete todos se retiraram bem dispostos e só o Figados de Rinoceronte recolheu á casa empanturradissimo e tão enjoado, que de noite, sua esposa, D. Suspiro de Pantéra, teve que se levantar varias vezes e fazer-lhe chá de folhas de urodonal.

— E' bení feito, dizia ella ao marido. Quem te manda comer comidas extravagantes? Sabes que padeces do estomago e não tens juizo...

— Tens razão, concordou o Figado. Amanhã tomo um laxante e fico todo o dia a caldos.

No dia seguinte, ao tomar o primeiro caldo, o nosso selvagem achou-lhe um gosto exquisito a gallinha choca.

— Este caldo de quem é? perguntou elle.

— Deixa-me cá, respondeu-lhe a D. Suspiro encanizada. Mandei logo de manhã á praça; não havia ninguém á venda. Não tive outro remedio senão fazer-te canja da tua sogra mais velha.

... Eu, que conheço aquella gente como os meus dedos, posso garantir-lhes que, por estes seis meses mais chegados, Figados de Rinoceronte não torna a ir jantar fóra.

Esta do mineralogista «boche», que foi ao bucho — se permitido me é este trocadilho um tanto bicho — fez-me lembrar outro caso a que assisti quando, como acima ficou dito, eu era um dos mais assíduos banhistas das praias papuásicas.

Um dia vinha eu, todo ás riscas verdes e vermelhas — que lindo fato de banho tinha nesse tempo! Ia a fugir do mar e d'um jacaré que



ANTROPOPHAGOS POR ANDRE' BRUM

queria deitar os dentes á minha plastica opulenta, quando notei grande ajuntamento na praia. Tendo-me acercado com ar indifferente, vi um grupo de selvagens cercado um europeu, que, por certo signal de cabello na omoplata, logo reconheci ser inglez e estava, dos pés á cabeça, vestido do audaz explorador.

Segundo explicava a «vox populi», succedera ao audaz explorador o que veio a acontecer mais tarde ao astuto mineralogista: fôra caçado na floresta por um dos circunstantes.

Approximci-me d'elle e, fazendo uso dos signaes dos surdos-mudos, disse-lhe com toda a sinceridade:

— O' camarada! Estás aqui, estás papado.

Fiquei absolutamente estupefacto com o sorriso tranquillo que elle me remetteu na volta do correo. Tenho visto muitos audazes exploradores; mas com aquelle sangue-frio confesso que nenhum.

Os papús tinham accendido enorme fogueira e occupavam-se em installar um formidavel espeto. Era assado que o inglez ia terminar os seus dias.

A certa altura o papú chefe voltou-se para a victima e disse-lhe:

— Para evitar discussões e brigas como as que varias vezes se tem dado em iguaes circumstancias, o meu amigo não se melindre e permita que, antes de o comermos, o dividamos e distribuámos os bocados a quem competem.

— Ora essa! Methodo e organização são a minha divisa, explicou o inglez.

— Ah! Então calha muito bem.

Voltando-se para um dos papús. — papú secco, por tal signal, — o chefe indagou:

— Dize lá tu, Eminencia, o que te apetece deste senhor? A asa? O peito?

O selvagem mediu o inglez de alto a baixo e acabou por se decidir:

— Não. Antes quero uma perninha.

— Pois não, cavalheiro, atalhou o audaz explorador.

E, arregaçando a calça, desparafusou uma das pernas, que era de madeira, entregando-a ao camarada que fizera empenho nella. Houve um mo-

mento de surpresa, e um outro dos presentes gritou:

— Eu quero um braço...

— A's suas ordens, concordou o inglez, desroscando um dos braços, que era artificial, de borracha e couro, não desfazendo.

— Cá para mim preferia o nariz declarou uma das senhoras.

— «Não tenho duvida que é um petisquinho de in-penca», affirmou o nosso amigo, arrancando da cara um nariz de prata.

Voltando-se para um pequeno, que estava cerca, deu-lhe uma palmadinha nas bochechas e, com o seu melhor sorriso, perguntou:

— O meu menino não quer comer um olhinho do seu amigo?

— Quêo, quêo», aceitou o meúdo batendo as palmas.

O explorador, com um gesto elegante, tirou de uma das órbitas um olho de vidro e deu-o ao papúsinho.

Entretanto, os que já tinham sido contemplados estavam tratando de vêr se era possivel metter dente na perna de pau, no braço de borracha e no nariz de prata. Não havia maneira.

A certa altura, furioso, tendo já partido varios dentes, voltaram ao grupo e, atirando com seu quinhão aos pés do chefe, exclamaram:

— «Fógospilu abecassis serapitôla».

Queriam elles dizer na sua que o inglez era intragavel, que não havia maneira de entrar com aquelle primo do Lloyd George. O chefe ainda quiz distribuir o recusado a outros circunstantes; mas todos a quem se dirigiu apresentaram desculpas:

— «Muito obrigado. Já almocei...

— Tenha paciencia; mas hoje é dia de peixe... Só como marujos.

— Ando num regime. Apenas tonio crianças de seis mezes e arroz secco...

O audaz explorador tornou a aparafusar a perna, a roscar o braço, collocou o nariz e, tendo accedido as explicações do chefe o qual lhe pedia desculpa do incommodo, deitou-se á procura do olho de vidro, que era azul e lhe ficava muito bem ao parecer, apesar do verdadeiro ser castanho.



ANDRE' BRUM



So' a martello!

PARA AQUELLES QUE SE ILLUDEM
COM OUTRAS MARCAS, repeli-
remos sempre as palavras
do eminente Dr Mario Graccho:
*'Attesto que tenho empre-
gado em minha clinica*

**o EMPLASTRO
PHENIX**

obtendo optimos
resultados na **Cura** do
RHEUMATISMO, dores nas Costas
e no peito, constipações, etc.

Quando comprar Emplastro
exija do seu pharma-
ceutico esta marca
que e' a do LEGITIMO
EMPLASTRO PHENIX



EXIJAM
ESTA
MARCA

Vigogenio

Engorda e dá vigor aos tecidos

O melhor e o mais activo fortificante que existe. Uma colher de «VIGOGENIO» faz mais effeito que um vidro do melhor tonico.

As Mães que criam, os Anemicos, as Moças pallidas, as Crianças rachiticas e Escrophulosas, os Exgottados, os Depauperados obtêm CARNE, SAÚDE, VIGOR e SANGUE NOVO, usando o «VIGOGENIO».

O «VIGOGENIO» é aconselhado:

1.º — Para as pessoas Fracas, Magras e com FALTA DE APETITE.

2.º — Para as pessoas com EXGOTTAMENTO PHISICO e cerebral, NEURASTHENIA e Excitação nervosa.

3.º — Para as pessoas em Convalescença de MOLESTIAS INFECCIOSAS como FEBRE TYPHOIDE, grippe, VARIOLA, etc. Nestes casos o «VIGOGENIO» é de grande resultado.

4.º — Para as SENHORAS GRAVIDAS é muito recommendado, porque, devido ao seu grande poder nutritivo, augmenta a secreção lactea, concorrendo para a nutrição do pequeno sêr em formação.

5.º — Para as CRIANÇAS PALLIDAS, magrãs, de CRESCIMENTO DEMORADO é de um resultado espantoso, pois é o tonico APROPRIADO para esse fim. POUCOS VIDROS produzem effeito visivel, notando-se logo AUGMENTO DE PESO e melhor aspecto da criança.

6.º — O «VIGOGENIO» é o fortificante mais receitado pelas notabilidades medicas, como Miguel Couto, Austregesilo, Rocha Vaz e outros, que em BRILHANTES ATTESTADOS, affirmam o SEU GRANDE VALOR.

MIGUEL COUTO, o mestre da Medicina, diz:

«Attesto que tenho empregado em minha clinica particular e na do hospital, com o MELHOR RESULTADO, o «VIGOGENIO», EXCELLENTE PREPARADO, não só pela sua COMPOSIÇÃO como pela IRREPREENHIVEL fabricação».

DR. MIGUEL COUTO
Firma reconhecida.

Licenciado pelo D. N. de S. P. sob n. 833, em 20-11-919